

Práticas educacionais na rádio escolar: um estudo de caso na ADIC-RN¹

Edivanaldo Vicente da SILVA²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, NATAL, RN

RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa realizado numa Ong - ADIC-RN – Associação para o desenvolvimento de iniciativas e cidadania do Rio Grande do Norte - sobre práticas educacionais com o uso da rádio escolar, com o objetivo de verificar as práticas e atitudes de mediação utilizadas pelo educador na formação da cidadania. Tendo por base uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, através de questionários, entrevistas e observação participante. A partir de referenciais voltados, para a inter-relação entre comunicação e educação, Freire (2004), Kaplún (1996). Além dos processos de comunicação, Soares (2011), Schaun (2002), Citelli (2002), fomentados pela ampliação da comunicação no ecossistema do espaço educativo ao estimular habilidades a partir da rádio, considerando a importância desse meio para a formação da cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: atitudes; cidadania; comunicação; educação; rádio escolar.

1 Introdução

Desde a metade do século, a discussão midiática na escola tem se tornado constante por restaurar a sua discursividade. Apesar de que, a comunicação e a educação eram assuntos permanentes nas diversas situações do cotidiano escolar. Pensando nisso, surgem novas propostas de ensino-aprendizagem que trazem marcas significativas da nossa sociabilidade. Nesse sentido, estudiosos acreditam que o diálogo midiático com os diversos recursos cognitivos pode favorecer a materialização das suas práticas educacionais.

No cenário proposto, as práticas educacionais surgem a partir de um novo modo de instaurar relações que possam garantir uma aprendizagem significativa e assim, contribuir na formação de cidadãos participativos, capaz de lidar com a comunicação e a educação ao interagir com as suas práticas sociais no envolvimento da sua comunidade. Daí a

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016. Esse artigo faz um recorte da dissertação: “Rádio Escolar: Práticas de Mediação e atitudes educacionais na formação da cidadania”, do Mestrando Edivanaldo Vicente da Silva – PPGEL/UFRN, em fase de qualificação.

² Mestrando do curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL/UFRN. E-mail: edivanaldo@yahoo.com.br; Co-autoria: Adriano Lopes GOMES - Doutor em Estudos da Linguagem – PPGEL/UFRN. Docente do Departamento de Comunicação Social da UFRN. E-mail: adrianoufrn@gmail.com.

importância deste novo profissional, “o educador, capaz de pensar de forma articulada duas áreas distintas, mas com forte interdependência na contemporaneidade” (CITELLI, 2000). De modo que, esse profissional deixe de ser espectador e passe a incluir a mídia no contexto escolar do aluno, respeitando suas particularidades e promovendo cidadãos preocupados com as práticas coletivas de interação.

Para tanto, o presente artigo analisa a integração do rádio no ambiente escolar a partir dos processos de comunicação, fomentados pela ampliação da comunicação no ecossistema do espaço educativo pela dinamização do (a) professor (a), estimulando habilidades de leitura, escrita, oralidade e produção do conhecimento. Para isso, utilizou-se como uma proposta de ensino e aprendizagem, as oficinas de produção e gravações dos programas da rádio escolar com os alunos atendidos pela ADIC-RN, uma ONG, localizada na comunidade do Passo da Pátria, em Natal-RN. Convém lembrar que as oficinas foram ministradas pelos integrantes do grupo da base de pesquisa COMIDIA³ da UFRN.

Para realizar esse estudo, adotamos os princípios epistemológicos e metodológicos de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica: cujo objetivo foi verificar as práticas e atitudes de mediação utilizadas pelo educador na formação da cidadania, e assim, percebermos o papel da Rádio escolar como ferramenta de interação na comunidade educativa. De acordo com André (1995, p.29), “uma característica da pesquisa etnográfica é a preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca”. De forma que, tais procedimentos sirvam de qualificação da prática pedagógica desse profissional para a formação de leitores/ouvintes capazes de realizar suas próprias produções. De modo que, as atividades de pesquisa foram desenvolvidas por meio de reuniões com o corpo diretivo e docente da instituição, e as oficinas da Rádio escolar com professores e alunos, através da aplicação dos questionários com os envolvidos, observação direta das aulas e as intervenções durante todo o processo de produção dos programas.

Essa proposta surge como uma atividade coletiva de linguagem diferenciada, que naturalmente promoverá novas ações de linguagem, de modo a favorecer aos envolvidos na elaboração de suas produções radiofônicas uma autonomia de produção oral e escrita cujos impactos sobre a aprendizagem são positivos. Para isso, o gênero exposição oral

³ Grupo de Pesquisa - Comunicação, Cultura e Mídia – Foi criado desde agosto de 2002, no Departamento de Comunicação Social (DECOM) da UFRN. Tendo como objetivo: desenvolver projetos relacionados aos estudos da Comunicação Social e da Mídia, buscando-se a interface transdisciplinar com outras áreas afins de conhecimento.

radiofônica escolar sugerida por Baltar (2012), deverá emergir dessa prática da real atividade de linguagem que constitui um objeto de ensino e ferramenta de ensino aprendizagem para todas as disciplinas escolares.

2 Matrizes epistemológicas da Educomunicação

Martin-Barbero (2003), aponta que o que a revolução tecnológica introduz em nossa sociedade não é tanto a quantidade de máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos que constituem o cultural, um novo modo de comunicar. Trata-se de manifestar a importância do rádio para a formação da criança, ao transformar seu cotidiano em fonte de conhecimento e aprendizagens, especialmente com crianças que se envolvem na imitação dos próprios divertimentos e atividades.

De acordo com Costa (2005, p. 116) o rádio “consegue através de uma oralidade direta, persuasiva e próxima, conquistar uma unanimidade nova e estimulando o imaginário dos ouvintes”. Conforme nos reporta Martin-Barbero (1997), sobre o entendimento de um novo modo de existência do popular surgido com a urbanização industrial, produzindo a mediação, ou seja, o modo individual de recepção.

Diante disso, a inserção da comunicação, através da mídia e de seus instrumentos tecnológicos no espaço escolar por meio do rádio, vem renovando e fortalecendo os espaços comunicativos. Em especial por acrescentar uma nova forma crítica de pensar o seu contexto social e assim, entender a influência dos meios sobre ela. Como também, perceber os impactos que estas ações educativas podem provocar a nós mesmos, principalmente quando estabelecem um vínculo com sua comunidade. Por esse viés, “é imprescindível que, ambos, assim, se tornem sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem.” (FREIRE, 2004, p. 68).

Desse modo, o texto “A Rádio Educomunicativa”, do ambiente virtual de aprendizagem do Educom.Rádio Centro Oeste constata que:

O rádio, quando trazido para o ambiente escolar, opera uma ressignificação das linguagens, privilegiando a linguagem oral. Com isso, permite um resgate da oralidade, traço marcante em nossa cultura, e também das identidades culturais dos envolvidos, inscritas nos seus repertórios. Ao permitir esse movimento, por outro lado, a linguagem radiofônica no contexto escolar amplifica a possibilidade de expressão e também o resgate da autoestima: as pessoas, principalmente os alunos, descobrem que, mesmo tendo dificuldades para operacionalizar a linguagem escrita (até então a única considerada legítima pela escola tradicional) tem a

possibilidade de se expressar pelo rádio (LAGO; JIMENEZ; VICENTE, 2005).

É nesse cenário, de reminiscências e criatividade que o estudo a ser apresentado traz consigo uma reflexão sobre comunicação e a educação numa sociedade globalizada. Principalmente, “nos dias de hoje em que já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculado do processo de comunicação.” (GUTIERREZ, 1978, p.33). De modo que, a inter-relação de comunicação e educação não poderiam mais ser vistos como assuntos distintos. Mas, uma está ligada à outra, através de uma relação dialógica entre esses campos. E assim, resultando em um novo campo de intervenção social: a Educomunicação.

De acordo com Soares (2011), a Educomunicação é um conjunto de ações voltadas a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades. Assim, ao problematizar esses campos de comunicação é possível formar uma competência comunicativa do cidadão. Para isso, “Há necessidade de teorização e de reflexão crítica sobre os projetos para que se constitua esse campo, tornando-o um novo espaço de luta material e discursiva”.⁴ Tendo em vista, uma mudança no processo comunicacional ao criar verdadeiros ecossistemas que possam beneficiar toda uma sociedade envolvida com essa proposta e contribuir com a sua aprendizagem, sejam professores, alunos ou a própria comunidade.

Soares (2011) defende a educomunicação como um campo de práxis e intervenção social. Para isto, as ações educacionais não precisam ser somente a leitura ou utilização dos meios, mas se propõe também a somar e fortalecer o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas que assim são práticas que criam: “[...] predominâncias para a interdiscursividade; o Dialogismo e a Enunciação; nos devires éticos, estéticos e políticos; no uso das novas tecnologias de Comunicação e da Mídia; da Gestão Comunicativa em espaços educativos” (SCHAUN, 2002, p. 106).

Pensando assim, começam a surgir novas propostas que podem oferecer mudanças para a formação de profissionais que estejam empenhados a levar adiante esse perfil de educador não apenas como mais uma profissão a ser seguida, porém de reconhecer

⁴ SOARES, Ismar de oliveira. “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in Cotato, Brasília, Ano 1, Nº 1, jan/mar. 1999. p. 57.

nas atitudes deste profissional a possibilidade de novos espaços educomunicativos que se entrelaçam no nosso cotidiano.

Por esse contexto, surgiu o interesse por um estudo mais aprofundado sobre: Como os atores sociais envolvidos na implantação da rádio escolar numa ONG torna-se sujeito ativo da própria comunicação em suas práticas cotidianas escolares e na sociedade? Inicialmente, tal interesse emergiu a partir das investigações em torno do Rádio Escolar, iniciadas a partir da linha de pesquisa: Epistemologia da Educomunicação.

Para tanto, os estudos compartilhados por cada um dos integrantes do grupo da base de pesquisa COMÍDIA, ensejaram o amparo para as minhas inquietações, de modo que a partir de um projeto guarda-chuva fez-se o entrelaçamento desse conhecimento teórico com as itinerâncias científicas que aos poucos foram sendo analisadas como possíveis contribuições para a construção do objeto de investigação.

É a partir deste cenário que a presente pesquisa busca dialogar junto aos educadores e alunos envolvidos nas práticas educomunicativas. A fim de qualificar tais relações através do grau que essa interação entre educação e comunicação contribui na formação do sujeito ao inserir a mídia no cotidiano escolar. Para isso, “para cada tipo de educação corresponde uma determinada concepção e uma prática comunicacional.” (KAPLÚN, 1996, p. 64).

3 O projeto educomunicativo da rádio escolar na ADIC-RN

3.1 Construindo uma parceria

Inicialmente esse trabalho fortaleceu-se no grupo da base de pesquisa COMÍDIA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mostrando que é importante à participação e o engajamento dos seus integrantes em projetos que lhes façam pensar sobre a realidade a qual se inserem. Para isso, em Março de 2015, o grupo promoveu seminários de apresentações e discussões relacionados com possíveis escolhas de instituições não governamentais que pudessem servir como proposta para o desenvolvimento do projeto *guarda-chuva*, em culminância com a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado: “Rádio Escolar: Práticas de Mediação e atitudes educomunicativas na formação da cidadania”. De modo que, após a escolha da Organização Não-Governamental para a realização da pesquisa deu-se o processo de amadurecimento pelo qual foi indicada uma análise fundamentada na literatura pertinente para todo o grupo da base de pesquisa. E com

isso, “vêm reforçar a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (ANDRÉ, 1995. p. 30). Embora o autor da presente pesquisa direcione suas investigações para o envolvimento dos atores sociais com as suas práticas educacionais, os demais integrantes do grupo poderiam promover pesquisas independentes que contribuíssem para a criação de ecossistemas comunicativos no ambiente escolar a partir do uso das mídias.

Num primeiro momento foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, através de questionários e entrevistas com professores e alunos. Como também, a observação de envolvimento participativo no espaço de produção das oficinas a partir dos projetos apresentados durante a sua execução. Assim foi possível perceber o desenvolvimento e a dinâmica do projeto da rádio escolar na ADIC-RN e a sua relação desenvolvida com as práticas educacionais através dos seus educadores.

Nesse sentido, a parceria firmada com a ADIC-RN, permitiu integrar o ensino às práticas sociais como referência ao diálogo iniciado durante um encontro pedagógico com gestores, coordenadores pedagógicos, professores e psicólogos. Em que todos os participantes estavam cientes de que não seriam apenas ações isoladas, mas uma promoção das práticas coletivas em torno do ambiente escolar. Para isso, “nada mais importante que analisar e compreender como ocorrem os processos comunicativos entre educadores, educandos, e demais indivíduos que fazem parte do contexto envolvido” (CITELLI, 2000).

Num segundo momento, o projeto da Rádio escolar na Ong atendeu nos meses de Abril e Maio de 2016, prioritariamente os alunos do ensino fundamental-II matriculados nesta instituição, como também todos os professores, funcionários e gestores que trabalham numa perspectiva interdisciplinar. Além disso, a comunidade local participará como ouvintes atuantes de forma ativa e crítica sobre o trabalho realizado em equipe. Conforme informa Freire (1988, p. 26), “educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano”. Para isso, a ADIC-RN disponibilizou um espaço para que fossem desenvolvidas as Oficinas de produção, gravação e a execução dos programas, Notícias e Entrevistas, Locução e Sonoplastia. Como também, recursos Audiovisuais, um notebook, uma impressora, além de outros materiais para auxiliar na produção das oficinas.

3.1.1 A Ecologia da ADIC-RN

A ADIC-RN nasceu da idealização de um casal suíço radicado em Natal desde 1977, que em 2004 uniu-se a um grupo de amigos e a Pastoral Familiar da Igreja Católica, com a finalidade de ampliar as suas ações socioeducativas já realizadas na comunidade do Passo da Pátria, em Natal-RN.

Com o crescimento da demanda, surgiu a formalização da Associação para o Desenvolvimento de Iniciativas de Cidadania do RN – ADIC-RN, com o intuito de beneficiar o maior número de moradores, tendo como foco as ações desenvolvidas com as crianças e os adolescentes da própria comunidade. Assim, a sua fundação ocorreu oficialmente em 15 de junho de 2005, com 16 sócios fundadores.

Desde então, a ADIC-RN oferece educação inclusiva para as crianças, adolescentes, jovens e familiares, através de projetos socioeducativo e culturais, esportes, suporte pedagógico e psicológico, educação tecnológica, informática, cursos profissionalizantes para as famílias, de música, capoeira, teatro e pinturas artísticas. Para isso, a instituição conta com uma equipe de professores especializados, psicólogos, psicopedagogos, e especialmente de voluntários que trazem consigo suas diversidades em favor da coletividade.

Atualmente a ADIC-RN atende aproximadamente 320 crianças em sua sede própria de 1.560m², inaugurada em Janeiro de 2011. Ela conta com o apoio financeiro da Fundação Suíça AMEROPA, doadores individuais, estrangeiros e locais, além das parcerias com as empresas e universidades.

Sua *Missão* é contribuir na construção de uma sociedade sustentável e solidária, pela realização de seu objetivo de gerar processos de desenvolvimento da cidadania no estado do Rio Grande do Norte, preferencialmente, não exclusivamente, nas comunidades menos favorecidas. Por isso, desde a sua fundação tem oferecido educação inclusiva e de qualidade a comunidade do Passo da Pátria. Seu *Objetivo* é promover uma aprendizagem interdisciplinar para combater o analfabetismo e o fracasso escolar com crianças e adolescentes da comunidade do Passo da Pátria, através do suporte pedagógico e gestão de projetos sócio educativo e cultural, que conduzem a cidadania, a humanização e o investimento no sujeito e suas singularidades.

E por que o passo da pátria? O Bairro do Passo da Pátria é uma comunidade situada às margens do Rio Potengi na zona leste da cidade de Natal/RN. Ocupa uma área total de 205.506m², com aproximadamente 3.747 habitantes, segundo dados levantados em 2003 pela SEMTAS (SOUZA, 2011). Para o historiador Carlos Magno de Souza, “o nome foi dado pelo então presidente da província José Olinto Meira, que homenageou os natalenses voluntários na Guerra do Paraguai (1864-1870) e ao fato do lugar ser passagem importante, porta de entrada da cidade na época”.

Desse modo, o historiador nos traz a pertinente observação que:

No final do século XIX, era um importante local de encontro e lazer na cidade, onde funcionava um porto e uma feira, que funcionava durante a noite. Os primeiros moradores estavam relacionadas à estas duas atividades e tinham o baixo poder aquisitivo. O porto recebia mercadorias vindas de Macaíba e São Gonçalo do Amarante. Além disso, a fonte de renda dos moradores era a pesca artesanal, graças ao rio (SOUZA, 2014, p. 42).

Trata-se de uma comunidade de grande vulnerabilidade social, vista como “favela” pela população Natalense em geral, sendo ainda mais evidente a discriminação imposta ao bairro por seus circunvizinhos. E ainda, segundo dados da SEMTAS, (MACHADO, 2005), com registro de 55.8% de pessoas sem nenhuma renda e 32,2 % de pessoas cuja renda familiar é de predominante de até 03 (três) salários mínimos e elevados índices de analfabetismo e desqualificação profissional. Em suma, ainda sobre o relatório da SEMTAS:

Pelo elevado índice de bolsão de pobreza da cidade do Natal; Pelo crescente número de crianças e adolescentes com problemas de drogas, transtornos emocionais, distúrbios de conduta e a marginalização; Pelo grande índice de moradores afetados pela miséria, casas destruídas pelas chuvas; Pela falta de higiene e conseqüentemente saneamento básico e a falta de água potável; Pelo alto índice de doenças causadas pela água poluída e lixo acumulado (hepatite, leptospirose, pneumonia, doenças de pele e respiratória); Sem falar também das famílias que sofrem com seus parentes envolvidos com o tráfico, havendo um ou dois assassinatos a cada três meses (NATAL. Secretaria Municipal de Ação Social, 2003).

De acordo com Souza (2011), em sua dissertação de mestrado pela UFRN, “os moradores escolheram esse lugar por ser próximo do centro da cidade. A feira funcionou até os anos 1920. Com a construção do mercado da Cidade Alta, a feira livre deixara de funcionar”. Além disso, a jornalista do Blog Brechando relata que:

O local sempre foi visto como um lugar era tratado de forma pejorativa, devido às construções das casas irregulares, falta de saneamento e denominava como um território de promiscuidade. Entre a década de 70 e 89, houve um crescimento da região composta por pessoas vindas do interior do Rio Grande do Norte (PAIVA, 2015, Blog-Brechando).

Por isso, sabendo das suas necessidades sociais e pela preocupação em transformar o cotidiano daquelas famílias, que por muitas vezes, foram esquecidos pelas políticas públicas, ficando apenas pontuado pelas primeiras páginas dos jornais por problemas com ações isoladas. Assim, entendemos que esse projeto contempla não apenas uma aproximação entre a Comunicação e a Educação, mas, sobretudo, “contextualiza com as suas interfaces em processos politicamente marcados pela busca da reforma da sociedade pela força da expansão dos sujeitos sociais” (SOARES, 1999).

3.1.2 As oficinas para implantação da rádio escolar

Essa fase da pesquisa, durante a aplicação das oficinas para implantação da rádio escolar, foi realizada com a segunda turma do horário vespertino, com 19 alunos, entre 9 a 12 anos, nas quartas-feiras, durante uma hora e meia, acompanhadas da professora responsável pela turma, o professor educador e o professor pesquisador.

No primeiro encontro, os alunos foram convidados a participarem de uma pesquisa sobre o uso midiático do rádio no espaço escolar e assim, responderam um questionário com perguntas objetivas e subjetivas. Esse questionário foi aplicado em duas turmas, com idades diferenciadas. Em seguida, os professores responsáveis pelas respectivas turmas também responderam o questionário. Ao final, professores e alunos foram informados pelo educador que a produção dos programas e demais eventos vinculados à implantação da rádio estaria sob a responsabilidade de todos os envolvidos com o projeto. Acenando, assim, para a possibilidade da transformação do sistema de ensino bancário para um alicerçado na comunicação aberta, dialógica (FREIRE, 2004) criativa, democrática, midiática e inclusiva (SOARES, 2011), através do reconhecimento da individualidade dos sujeitos, independente de sua condição/origem social. Na hora, percebeu-se uma receptividade imediata por parte de todos com relação ao projeto, especialmente, por englobar diversas atividades e recursos diferentemente das práticas na sala de aula. Isto nos fez perceber que, “a escola, como um dos espaços sociais por onde o indivíduo transita durante parte de sua vida, não pode ficar isolada desse contexto” (GOMES, 2002).

No segundo encontro, os alunos foram conduzidos para o espaço preparado para iniciar o projeto da rádio escolar com a “*Oficina de rádio*”, sempre acompanhados da professora responsável pela turma, iniciamos uma conversa com os alunos sobre o que o rádio representa no seu cotidiano? Qual a sua importância? E se todos sabiam sobre a história do rádio? Depois das inúmeras respostas, acompanhamos um vídeo intitulado: “A história do rádio no Brasil” (produzido por alunos de Jornalismo e Publicidade, da Universidade de Campinas), e em seguida, iniciamos uma apresentação (slides) sobre características e aspectos fundamentais do rádio e o seu uso como ferramenta educacional. Embora, todo o processo fosse conduzido pelo educador que ministrava a oficina, as interferências inicialmente eram constantes por parte da professora, demonstrando uma preocupação inata sobre a postura dos alunos participantes, e dificultando inclusive um posicionamento mais dialógico que porventura seria mais viável para o momento. Como afirma Freire (2006, p. 45), “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história”. Apesar do pouco tempo, os alunos demonstraram interesse em continuar nos próximos encontros.

No terceiro encontro, a turma foi dividida em duas oficinas: “*Retextualização dos contos infantis para a rádio*” e a “*Produção de notícias em uma rádio*”, ambas ministradas por educadores da base de pesquisa COMIDIA. Na primeira, participaram 08 alunos, nos quais foram convidados a escolher um texto infantil entre os cinco propostos para serem lidos e retextualizados sob um novo contexto e cenários diferentes do habitual. Afirma Marcuschi (2010, p. 47), “que a passagem da fala para escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. E assim, reforçando as produções e gravações para um programa de histórias infantis. Em princípio, aproveitando sempre das histórias e lendas urbanas conhecidas pelas crianças como forma de resgatar as histórias recolhidas no tempo que fortalecem as origens da comunidade e assim, disseminar estas histórias com fortes elementos das manifestações populares. Para Marcuschi (2010), “repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando um fala em outra”. Desta forma, ao privilegiarmos a linguagem radiofônica, fortemente ligada aos fundamentos da oralidade, provocamos mudanças no processo de produção, da escrita e a linguagem ou até mesmo a maneira de falar no rádio, sempre atendendo os preceitos da oralidade.

Na segunda oficina, participaram 08 alunos, que aos poucos foram descobrindo como se produz a notícia jornalística para o rádio e falar da sua importância para a formação da cidadania. Diversas foram às opiniões sobre o que gostavam de ouvir no rádio como notícia, estilos musicais, pautas, boletins, notas jornalísticas e o que gostariam de produzir para que também estas produções atendessem as suas necessidades, sempre partindo do pressuposto da leitura e da escrita, de modo geral numa linguagem mais próxima da oralidade. “A simplicidade é a regra básica do texto radiofônico, preparado para um público genérico, ou seja, qualquer pessoa apta a ligar um receptor e sintonizar uma emissora” (FERRARETTO, 2001, p. 204). Ao final, a partir de algumas matérias produzidas em jornais locais, foi proposto que eles ao lerem as matérias pudessem extrair as informações principais para a produção de uma nota. No início, houve uma relutância por parte de alguns pelo avançar da hora, mas outros acabaram fazendo as atividades e reconhecendo a necessidade da informação para a construção do cotidiano escolar.

No quarto encontro, os alunos participaram da “*Oficina de locução de rádio*”, e assim aprofundaram sobre algumas técnicas de uso do microfone, orientações específicas sobre o seu uso e técnicas vocais, onde ao final todos foram envolvidos em atividades e exercícios vocais que dialogavam com a teoria e dinamizavam o espaço educativo. Além disso, os alunos puderam compreender e construir possibilidades de intervenções na prática escolar como um processo de transformação transmitido pela linguagem radiofônica. De modo que, “mantém-se atenta ao cotidiano da didática, prevendo a multiplicação da ação dos agentes educativos (o professor e o aluno trabalhando juntos), optando, quando conveniente, pelas ações práticas” (SOARES, 2011, p. 48). E assim, demonstrando que a coletividade é uma característica essencial da educomunicação.

No quinto encontro, os alunos acompanharam a “*Oficina de Sonoplastia*” e “*Gravação de programas no rádio*”, além de reconhecer as características essenciais no uso dos recursos tecnológicos, também identificaram as rádios locais pelos seus estilos de programação musical, aspectos e terminologias condizentes com a linguagem do rádio como: spot, jingles, trilhas comerciais e de apresentação de programas. Como também, escutaram alguns exemplos de programação de rádio e o trabalho da sua produção na prática. Como nos relata Buchingham (2001), “a produção de mídia passa a ser compreendida como forma de estimular a auto expressão e exploração estética no mesmo nível que outras atividades, tais como a escrita de poesias ou mesmo a pintura”. Em

seguida, foram divididos em três grupos: sonoplastia, entrevistas e produção de programas para que possam assim rascunhar as principais ideias e expressar as suas primeiras produções para a implantação da rádio escolar.

4 Considerações Finais

Nessa perspectiva, alunos e professores estão empenhados em colocar na prática todos os conhecimentos adquiridos durante as oficinas de implantação da rádio escolar. Embora os problemas comunicativos permeiem às relações entre alunos, dos alunos com o professor e demais integrantes da organização não governamental, e dela mesma com o seu entorno, a comunidade e as famílias. A partir desta constatação, se faz necessário definir a natureza e a prioridade dos problemas de comunicação que precisam ser solucionados, e em seguida, descobrir os talentos que estão imbricados no seu cotidiano escolar que precisam ser ouvidos e melhorados. De modo que, o professor educador, “tem que ensinar e aprender a se comunicar, se comunicando” (CONSANI, 2012). Por isso, as ações motivadoras de ecossistemas comunicativos precisam ser acompanhadas de perto, no sentido de absorver de forma apurada a realidade social.

Avaliou-se também que as ações desenvolvidas pelo projeto da rádio escolar são consideradas importantes para o processo educacional das crianças, assim como para a formação dos professores, coordenadores, funcionários, voluntários e famílias envolvidas como agentes sociais. Permitindo assim, uma melhoria no aprendizado das crianças e ampliando a sua participação nas ações educativas ao incorporarem o fenômeno da inter-relação entre comunicação e educação, e ao exercer esses direitos possam levá-los as práticas da cidadania.

Ao longo desse trabalho, podemos observar que a implantação de uma rádio escolar envolve muito mais do que aspectos teóricos e metodológicos que as fundamentam. Tal processo envolve uma gama de conhecimentos adquiridos sobre o uso do rádio em suas várias possibilidades de ensino que consequentemente modificará a interação discursiva daqueles que trabalham envolvidos com essa proposta de ensino-aprendizagem, de modo a permitir que os atores sociais possam interagir nas diversas práticas vivenciadas na sua comunidade.

Por fim, continuamos acompanhando todo o processo de implantação da rádio. Mais do que isso, estamos atuando para aprimorar nessa comunidade uma consciência crítica e

participativa que possibilite uma sensibilização para o uso dessa ferramenta pedagógica nos diferentes espaços por onde transitam essa mídia.

Referências bibliográficas:

ANDRÉ, Marli Eliza. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BUCHINGHAM, David. **A posição da produção: A educação para a mídia pelos jovens no Reino Unido**. In: CARISSON, Ulla; FELICZEN, Cecília Von (Org) *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2006.

GOMES, Adriano Lopes. **O contador de histórias na perspectiva da formação do leitor: um estudo de caso**. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, de 01 a 05 de setembro de 2002, Salvador – BA.

GUTIERREZ, Francisco Perèz. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. Trad. Wladimir Soares. São Paulo: Sumus, 1978.

KAPLÚN, Mário. **A la educación por La comunicación**. Santiago de Chile: UNESCO/ OREALC. 1992.

_____. **El comunicador popular**. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.

LAGO, Claudia. JIMENEZ, Márcia e VICENTE, Eduardo. **A Rádio Educomunicativa** (tópico: Pedagogia da linguagem radiofônica). Disponível em <<http://www.educomradio.com.br/centro-oeste/topicos>>. Acessado em 13 out 2015.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MACHADO, Mônica Pedrosa. **A reurbanização da favela do passo da pátria em natal, rio grande do norte, Brasil, como forma de enfrentamento da pobreza**. In: II- JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, de 23 a 26 de agosto, 2005, São Luís – MA.

MARCUSHI, Luís Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

_____. **Saberes hoy: diseminaciones, competencias y transversalidades**. Revista Iberoamericana de Educación, n. 32, pág. 17-34, mayo-agosto, 2003. Disponível em <http://rieoei.org/rie32a01.htm> Acesso em 22 de outubro de 2015.

NATAL (RN). Secretaria Municipal de Ação Social. **Projetos integrado Passo da Pátria – Trabalho de participação comunitária**. 2003.

PAIVA, Lara. **Um pouquinho do Passo da Pátria**. Blog-Brechando, Natal, out.2015. Disponível em: <<http://www.brechando.com/2015/10/um-pouquinho-do-passo-da-patria/>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de oliveira. “**Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**”, in Cotato, Brasília, Ano 1, Nº 1, jan/mar. 1999. p. 57.

_____. **Educomunicação: um campo de mediações**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

_____. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUZA, Carlos Magno. **Passo da Pátria: Um lugar de memórias**. Natal: Selo Sarau das Letras, 2014.

SOUZA, Daline Maria. **Espaço e reurbanização: uma análise da dinâmica socioespacial do Passo da Pátria (Natal/RN)**. In: CORADINI, Lisabete; MILLER, Francisca (Org.). **Imagem e meio ambiente debates atuais**. Natal: EDUFRN, 2011.